

# Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
<b>POLICARPO HIBERNON MACHADO: AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DE UM MILITANTE COMUNISTA NO RIO GRANDE DO SUL NOS ANOS 1930</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Guilherme Machado Nunes</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Mestrando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>A partir da vida desse barbeiro e jornalista gaúcho, esse trabalho pretende discutir as possibilidades de militância de um membro do PCB no Rio Grande do Sul, especialmente durante o Governo Provisório de Vargas (1930-1934).</p> <p>No imediato pós-30, o estado viveu um certo arrefecimento das lutas operárias. Foi apenas no final de 1933 que a capital gaúcha presenciou uma grande greve – de padeiros, que reivindicavam o cumprimento de um Decreto do MTIC. Hibernon Machado era Secretário-Geral da FORGS, que, até então, pregava um discurso conciliador e de colaboração com o Estado. A partir daí, enquanto a FORGS radicalizava suas ações e seus discursos, o Estado respondia com um aumento da repressão.</p> <p>Dessa forma, busca-se compreender como um trabalhador comunista conseguiu fazer a transição de uma entidade “colaborativa” para uma “radical” e como os comunistas se apropriaram das leis sociais para influenciar o movimento sindical.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
FORGS, PCB, Biografia			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>From the life of that barber and journalist from Rio Grande do Sul, this paper discusses the militancy possibilities of a PCB member in the state, especially during the Provisional Government of Vargas (1930-1934).</p> <p>In the immediately post-30, the state lived a certain cooling of workers' struggles. It was only in late 1933 that the state capital witnessed a big strike - bakers, claiming compliance of a MTIC's decree. Hibernon Machado was General Secretary of FORGS (Workers' Federation of Rio Grande do Sul), which until then preached a conciliator and collaboration with the State speech. Thereafter, while the FORGS radicalized his actions and his speeches, the State responded with increased repression.</p> <p>Thus, we seek to understand how a communist worker was able to make the transition from a "collaborative" entity for a "radical" one and how the Communists appropriated the social laws to influence the trade union movement.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
FORGS, PCB, Biography			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história			

Os estudos biográficos têm se constituído cada vez mais em uma aposta recorrente para discutir a tensão entre sujeito e estrutura. No caso de biografias sobre militantes em geral – e de comunistas em particular – costuma-se enfatizar a formação de sujeitos enquanto militantes a partir de suas experiências e as possibilidades de atuação em determinados contextos. Ou até dentro do próprio partido: ao biografar Caio Prado Júnior, por exemplo, Lincoln Secco (2008) mostrou que, apesar de discordar de algumas teses do PCB sobre a realidade brasileira e de não ter sido um grande quadro dirigente, Caio Prado teve papel de destaque no Partido, sendo muito respeitado e chegando a ministrar cursos de formação – não à toa, foi eleito deputado em 1945 e para a Assembleia Nacional Constituinte em 1948.

Estudar a vida de lideranças comunistas tem ajudado a compreender as dinâmicas e as disputas internas do PCB. Astrojildo Pereira, Otávio Brandão e Luiz Carlos Prestes têm, de certa forma, “monopolizado” os estudos biográficos e lançado novas luzes a essas e outras questões, como por exemplo as relações nem sempre harmoniosas entre o PCB e a Internacional Comunista.<sup>1</sup>

Em regiões mais afastadas do centro do Brasil, a trajetória de alguns militantes também ajuda a apreender melhor a relação entre os quadros mais periféricos e o Comitê Central, assim como as estratégias regionais e os limites da autonomia das sessões estaduais do PCB, além de elucidar questões mais amplas, como as organizações sindicais de determinada região. Através da vida do gaúcho Policarpo Hibernon Machado – barbeiro, jornalista, líder sindical e comunista – pretende-se aqui compreender a trajetória de parte do movimento operário organizado nesse período, suas diferentes possibilidades de atuação e também as disputas, alianças e conflitos dentro do movimento.

Segundo Giovanni Levi, o bom estudo biográfico

Trata-se antes de tudo de um problema de escala e de ponto de vista: se o acento recai sobre o destino de uma personagem — e não sobre o conjunto de uma situação social — a fim de interpretar a rede de relações e obrigações exteriores nas quais ele se insere, é bastante possível conceber de modo diferente a questão do funcionamento efetivo das normas sociais. (LEVI, 1996, p. 7)

Dessa forma, pretende-se aqui lançar uma nova perspectiva sobre o período de refundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) em fevereiro de 1933 até o período de radicalização da entidade, que culminou com uma série de greves na capital gaúcha em janeiro de

---

<sup>1</sup> Cabe destacar também a falta de estudos sobre mulheres comunistas. Como poucas exceções, podemos citar BERNARDES, 1995; SCHMIDT, 2006.

1935. Para isso, em um primeiro momento será feita uma breve justificativa de porquê se estudar não só *uma* vida, mas *essa* vida; em seguida será feita uma reconstituição do período de refundação da FORGS e do momento em que Hibernon ingressa na direção da entidade; a seguir, o seu jornal, *A Voz do Trabalhador*, ganhará um subitem à parte; por fim, sua radicalização e a radicalização da FORGS serão analisadas e até certo ponto confundidas.

## **1. Por que estudar uma vida? Por que estudar essa vida?**

Em maio de 1934, como veremos adiante, um Congresso Operário foi convocado em Porto Alegre a fim de eleger uma nova diretoria para a FORGS e marcar um rompimento com a postura colaborativa, então vigente na Federação. Os nomes da velha e da nova gestão, porém, são quase idênticos. Em ambas as diretorias Policarpo Hibernon Machado exerceu altos cargos (em 1933 foi Secretário-Geral e em seguida Presidente; em 1934 foi presidente, além de redator de *A Voz do Trabalhador* durante os dois anos de circulação do jornal, entre 1933 e 1934). Surge, assim, uma questão: como um trabalhador comunista conseguiu fazer a transição, em poucos meses, de uma entidade “colaborativa” para uma entidade “radical”?

Estudar a vida desse barbeiro, nascido em 1897, torna-se, pois, muito interessante. Estudar uma vida, por si só, é uma possibilidade teórico-metodológica bastante rica, como dito anteriormente. A historiadora italiana Sabina Loriga nos mostra que, ao contrário da ilusão biográfica de Bourdieu, é possível “utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas.”(LORIGA, 1998, p. 246-247). Nesse caso, a vida de Hibernon nos ajuda a evitar uma simplificação grosseira: a FORGS, era “pelega”; depois de um evento (uma greve de padeiros, como veremos), tornou-se imediatamente combativa.

Nesse sentido, Giovanni Levi defende o uso da biografia como uma forma de descrever “incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas” - algo visível no trato do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) com a FORGS, como será abordado adiante. Assim, para o historiador italiano,

se evita a abordagem da realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações e se mostra, ao contrário, que a desigual repartição do poder, por maior ou mais coercitivo que seja, não deixa de oferecer certa margem de manobra aos dominados, sendo que estes últimos podem, a partir disto, impor aos

dominantes mudanças não negligenciáveis. (LEVI, 1996, p. 7)

Essa última frase destaca um ponto importante e que, acredito, seja uma das grandes possibilidades e talvez até objetivos da maioria das biografias históricas atualmente: quais os limites e, principalmente, as possibilidades de certos indivíduos em determinadas realidades? No caso de Hibernon Machado, pelas páginas dos jornais essa é uma questão que constantemente salta aos olhos: ele jogava bastante com o rótulo de “extremista”, por exemplo, hora o repudiando, hora vinculando-o à luta por direitos e melhores condições de vida para a classe trabalhadora.

Sobre esse lado “extremista” e a sua filiação ao PCB, não foi possível precisar a data e nem as circunstâncias do ocorrido, mas é possível fazer algumas especulações partindo de seu ofício: barbeiro. Machado não é o primeiro barbeiro a se tornar um militante comunista em Porto Alegre. Aliás, a tradição vem de longa data: Abílio de Nequete, primeiro Secretário-Geral do Partido Comunista do Brasil, em 1922, também exercia a mesma profissão. Bartz (2008) atribui importância ao fato de, no começo do século XX, o referido barbeiro ter se mudado para Porto Alegre e aberto o seu salão em pleno Quarto Distrito, bairro operário de Porto Alegre. A barbearia de Machado era no Centro na cidade, mas tanto Nequete quanto Machado atendiam as classes populares, conversavam, trocavam ideias. É possível que esses momentos tenham influenciado suas trajetórias. Aliás, o setor de serviços parece ser um bom “fornecedor” de lideranças devido ao constante trato com o público. Não parece ser coincidência que Otávio Brandão fosse farmacêutico em Alagoas, atendendo pescadores e demais populares, e o militante libertário Avelino Fóscolo exercesse o mesmo ofício em Minas Gerais (Ver AMARAL, 2007; DUARTE, 1991).

Podemos especular também uma data para a sua filiação ao PCB ou, ao menos, o momento em que entrou em contato com tais ideias: 1925. Nesse ano, ao lado de outro barbeiro comunista, Germiniano Candiota Xavier, Policarpo Hibernon Machado fundava a União Beneficente dos Barbeiros em Porto Alegre (MARÇAL; MARTINS, 2008, p. 74). Esse outro barbeiro, aliás, nascido em Pelotas, era muito amigo de Hibernon: os dois aparecem em muitas fotos lado a lado em diversos eventos (MARÇAL; MARTINS, 2008, p. 79, 86 e 143). Acredita-se, a partir disso, que Policarpo Hibernon Machado também tenha nascido em Pelotas, ou ao menos passado sua juventude lá. Em 1928, auge do Bloco Operário e Camponês (BOC, legenda eleitoral do PCB), já encontramos Hibernon se qualificando como votante em Porto Alegre.<sup>2</sup>

É importante, ainda, perceber que o estudo que se foca em uma vida, não nos permite apenas inferir esses aspectos microanalíticos, como atitudes individuais, estratégias e experiências,

---

<sup>2</sup> A *Federação*. Porto Alegre, 26 de julho de 1928, p. 12. In: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acesso em: 21 fev 2015.

mas nos permite, ainda, parafraseado Revel, perceber como fenômenos macro se deram a partir desses atores sociais<sup>3</sup> – no caso o processo de implementação da legislação trabalhista no primeiro Governo Vargas. Tema de longos debates historiográficos, a judicialização das relações de trabalhos dá margem para diversos tipos de interpretação – inclusive pelos próprios atores da época: de maneira geral, os grupos anarquistas encaravam os benefícios como tentativas da burguesia de dissuadir os trabalhadores das suas lutas; muitos socialistas dos anos 1910 e 1920 aderiram ao projeto varguista e enxergavam no Estado um órgão importante de regulamentação das relações laboriosas; os comunistas, por fim, tinham posições que variavam de acordo com a linha da Internacional Comunista, mas durante muito tempo, reivindicaram o cumprimento integral da legislação social e a enalteciam como conquista da classe trabalhadora, sobretudo através do BOC.<sup>4</sup> Mas até que ponto o uso dessas leis pode ser considerado como uma “domesticação” dos trabalhadores por parte do Estado e até que ponto se pode falar em *agência* desses trabalhadores, que aprenderam a utilizar desse novo artifício em seu favor? Essa não é a discussão central aqui, mas como disse Levi, “histórias pessoais são a forma concreta de medir o peso e a amplitude dos espaços que se abrem entre as regras” (LEVI, 2003, p. 288), e a partir da vida de Policarpo Hibernon Machado, espera-se, o tema será tangenciado e ganhará novo fôlego.

Dessa forma, a seguir será feita uma síntese da refundação da FORGS e do momento em que Hibernon desponta como liderança em Porto Alegre.

## **2. O começo dos anos 1930: refundação da FORGS e o “surgimento” de Policarpo Hibernon Machado**

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 e a incorporação não só de pautas trabalhistas mas também de intelectuais identificados com a causa – como Evaristo de Moraes e Agripino de Nazareth em sua equipe de governança –, alguns trabalhadores e trabalhadoras do Brasil parecem ter dado um voto de confiança a esse novo governo que se apresentava. O número de sindicatos oficiais<sup>5</sup> é um bom indicativo dessa expectativa, e ele cresceu vertiginosamente até 1933: em 1931 o número de sindicatos oficiais era de 32; em 1932 aumentou para 84; e em 1933

---

<sup>3</sup> No original o autor fala de como perceber a implementação do Estado. Ver REVEL, 2010, p. 442.

<sup>4</sup> Ver KAREPOVS, 2006. Sobre os socialistas no MTIC, ver, por exemplo, BARROS, 2007. Sobre a trajetória dos anarquistas e sua relação com a lei, ver OLIVEIRA, 2009, especialmente o capítulo 2: Do direito à Revolução.

<sup>5</sup> Os sindicatos oficiais estavam previstos no Decreto 19.770 de 19 de março de 1931, conhecido como Lei de Sindicalização, que no seu Artigo 2º decreta: “Constituídos os sindicatos de acordo com o artigo 1º, exige-se, para serem reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e adquirirem, assim, personalidade Jurídica, tenham aprovados pelo Ministério os seus estatutos, acompanhados de cópia autêntica da ata de instalação e de uma relação do número de sócios, com os respectivos nomes, profissão, idade, estado civil, nacionalidade, residência e logares ou empresas onde exercerem a sua atividade profissional.” BRASIL. Decreto 19.770, de 19 de março de 1931. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D19770.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm)> Acesso em: 21 fev 2015.

chegou a 141 (MATTOS, 2009, p. 64). No Rio Grande do Sul não foi diferente, e isso pode explicar, em grande medida, os moldes da refundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul.<sup>6</sup>

A FORGS foi refundada em fevereiro de 1933 em um congresso recheado de polêmicas. Com a presença e falas do Inspetor Regional do Trabalho, Ernani de Oliveira, e do agente fiscal do imposto de consumo, Ataliba Sabrosa de Rezende, o referido congresso pretendia refundar a Federação Operária e criar a Ação Trabalhista, seu braço político. Os conflitos internos impediram a realização do segundo objetivo, mas a FORGS ganhou vida e foi eleita uma direção que já contava com membros que se fariam presente ao longo de toda essa nova fase (como por exemplo o padeiro Leopoldo Machado).<sup>7</sup> O primeiro semestre de existência foi um período de muitos conflitos internos, e em julho daquele ano uma confusão acarretou na demissão do presidente, o carpinteiro Francisco Duarte.<sup>8</sup> Imediatamente assumiu uma nova diretoria, que tinha como Secretário-Geral o barbeiro Policarpo Hibernon Machado.

O “sumiço” de Hibernon durante a refundação se deve ao fato de que, muito provavelmente, o barbeiro não estivesse em Porto Alegre no período. No dia 27 de novembro de 1931, Hibernon Machado discursava durante a eleição do conselho deliberativo e aniversário do Hospital Asilo dos Barbeiros e Cabeleireiros do Rio de Janeiro.<sup>9</sup> Não se sabe se ele estava apenas visitando ou se de fato morou na capital, mas depois disso só encontramos novo registro do barbeiro em Porto Alegre quando este fez uma nova inscrição eleitoral, no final de fevereiro de 1933<sup>10</sup> – e o congresso que refundou a entidade teve início no dia 2 de fevereiro.

No dia primeiro de agosto de 1933, já com Hibernon Machado em suas fileiras, a FORGS lançava um manifesto ao proletariado Rio-grandense, em que afirmava que estavam “banidos do seio das classes laboriosas os elementos indesejáveis e estranhos a ela”.<sup>11</sup> Em que pese o começo forte e as acusações à diretoria anterior, o princípio da conciliação e colaboração com o MTIC seguia intacto:

---

<sup>6</sup> Ao estudar o período e a entidade, Álvaro Barreto prefere não tratar a FORGS dos anos 1930 como uma refundação da entidade que surgiu após a greve geral de 1906 em Porto Alegre: “A FORGS nos anos 1930, embora tenha o mesmo nome da entidade predecessora e, inclusive, um jornal de título idêntico, não guardava outras vinculações: as propostas e o contexto no qual foi forjada é bastante diverso, marcado pela participação do Estado como disciplinador do panorama operário.” (BARRETO, 1996, p. 14). Aqui se usará indiscriminadamente o termo *refundação*.

<sup>7</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 2 de fevereiro de 1933. In: PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 345.

<sup>8</sup> “No Rio Grande do Sul, 18 delegados-eleitores foram referendados pelo MTIC e puderam, em 20 de julho de 1933, participar da eleição dos 18 deputados classistas representantes dos empregados.” Por algum motivo que não está claro, Francisco Duarte não estava nessa lista. Ele foi acusado de falso representante pelo seu próprio sindicato e acabou demitido do cargo de presidente da FORGS. Cf. BARETO, 1996., p. 146.

<sup>9</sup> Cf. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1931, p. 5. In: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acesso em: 25 fev 2015.

<sup>10</sup> Cf. *A Federação*. Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1933, p. 7. In: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acessado em: 21 fev 2015.

<sup>11</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 1 de agosto de 1933. In: PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 359.

A classe proletária uma vez integralmente arregimentada e unida no seio das suas organizações sindicais, e estas filiadas à Federação, estarão isentas de mediadores improvisados entre o capital e o trabalho, ou melhormente, dos aproveitadores oportunistas, porque a entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses entender-se-á diretamente com as autoridades do Ministério do Trabalho, e estas com os legítimos representantes dos trabalhadores, resultando daí maior soma de benefícios ao proletariado em geral.<sup>12</sup>

Assinava o manifesto, entre outros, Policarpo Hibernon Machado.

A ascensão de Policarpo foi rápida. Logo que assumiu como Secretário-Geral escreveu esse manifesto e pouco tempo depois se reuniu com autoridades gaúchas. No dia 28 de agosto, ao lado de dois outros membros da diretoria (Roman Martirena e Carlos Glasgner), o barbeiro se reunia com o Interventor do Rio Grande do Sul, General Flores da Cunha, para solicitar o amparo do governo às causas proletárias.<sup>13</sup> No memorando que a FORGS entregava ao Interventor, eram pedidas a criação de duas escolas nos bairros São João e Navegantes, pontos de profilaxia contra a sífilis nos mesmos bairros e aumento dos impostos sobre a bebida como forma de combater o alcoolismo.

Na noite de 19 de setembro as relações entre FORGS e Estado seguiam ótimas: um jantar era realizado para angariar fundos para a Federação Operária. Entre os doadores, dois nomes chamam a atenção: o do próprio Flores da Cunha e o do eminente industrial porto-alegrense Aníbal di Primio Beck, membro da diretoria do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul.<sup>14</sup>

Em outubro, Hibernon Machado dava início a uma nova empreitada: como forma de intelectualizar o proletariado, de divulgar leis e incentivar a sindicalização e a filiação à Federação Operária, era lançado em Porto Alegre o jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão oficial da FORGS. O jornal teve 58 números, circulando entre 14 de outubro de 1933 e primeiro de dezembro de 1934 – números bastante expressivos para um jornal operário que vivia apenas das doações dos filiados à Federação – acredita-se que o PCB não tenha contribuído. Durante todo o tempo, Policarpo Hibernon Machado foi o seu redator-chefe, e através de suas páginas podemos reconstituir boa parte da trajetória do barbeiro e da própria escalada de radicalização da FORGS – aliás, como veremos adiante, essas trajetórias se confundem. Recolocando os atores sociais no coração dos

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 360.

<sup>13</sup> *A Federação*. Porto Alegre, 29 de agosto de 1933, p. 3. In: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acesso em: 22 fev 2015.

<sup>14</sup> *A Voz do Trabalhador*, Porto Alegre, 14 de outubro de 1933, p. 2. NPH/UFRGS. Essa edição traz uma prestação de contas com o nome dos doadores.

processos sociais, como defende Revel, tentaremos compreender a maneira pela qual eles – no caso Policarpo – “intervêm na produção desses processos.” (REVEL, 2010, p. 442).

### 3. A Voz do Trabalhador

Logo em seu discurso inaugural, o jornal fundado por Policarpo Hibernon Machado dizia a que veio: se reivindicava combativo, mas alertava que “não é este um jornal de combate no sentido da destruição, e sim de combate dentro da ordem e do direito.”<sup>15</sup> As páginas 1 e 2 dessa mesma edição são bastante ilustrativas desse momento. O jornal incentivava a sindicalização oficial como a melhor forma de propagandear as leis que começavam a entrar em vigor.

Porém, apenas duas semanas depois de inaugurado o jornal, a sua terceira edição relatava um incidente desagradável:

Em atitude intempestiva, o inspetor regional do Ministério do Trabalho neste Estado, na reunião realizada anteontem, à tarde, no gabinete da Inspetoria Regional, entre uma comissão do Sindicato dos Operários em Panificação e outra dos Industriais Panificadores, cassou a palavra do representante da Federação Operária [Policarpo Hibernon Machado] quando defendia com argumentação sólida, os interesses daquela classe, alegando, graciosamente, que a entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses não representava as classes laboriosas, visto não estar oficialmente reconhecida pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.<sup>16</sup>

Era o começo do *caso padeiral*. Existem muitos trabalhos sobre o episódio (ver FORTES, 2004), então faremos apenas uma apresentação geral: os padeiros exigiam o cumprimento do Decreto 23.104, que regulava a jornada de trabalho (que incluía, entre outros itens, a jornada de 8 horas diárias e o repouso dominical), e os patrões se recusavam a cumpri-lo.

Como reação imediata à desavença, Policarpo passou a defender o rompimento com o inspetor através das páginas de seu jornal.<sup>17</sup> Tão logo iniciou a “campanha”, muitos relatos acerca da “atuação patronal” do Inspetor começaram a surgir, tanto na capital quanto no interior. A defesa da colaboração com o ministério e a defesa da legislação social, contudo, seguiram por um

---

<sup>15</sup> *A Voz do Trabalhador*, Porto Alegre, Ano I, n. 1, 14 de outubro de 1933, p.1. NPH/UFRGS.

<sup>16</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 3, 28 de outubro de 1933, p.1. NPH/UFRGS.

<sup>17</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 3, 28 de outubro de 1933, p. 1. NPH/UFRGS.



bom tempo inalteradas. A questão era a atuação do inspetor: de acordo com a FORGS, de 108 reclamações que haviam chegado até ele, em absolutamente todas o patronato saiu vitorioso.<sup>18</sup>

No dia 4 de novembro daquele ano, Hibernon Machado passou a exercer as funções de Secretário-Geral e de Presidente interino da FORGS após a renúncia de Roman Martirena.<sup>19</sup> Quanto mais poderoso se tornava, mais Policarpo era acusado de “líder extremista” pela burguesia industrial gaúcha. Parece óbvio que, na tentativa de desqualificá-lo diante do MTIC, os industriais também tentavam desqualificar a própria FORGS através de seu líder. A entidade estava cada vez maior e reivindicando cada vez mais o cumprimento da legislação do próprio Ministério. A tentativa parece ainda mais “justificada” quando percebemos que Hibernon seguia travando diálogos com o MTIC e se utilizando de discursos conciliatórios. Uma de suas primeiras atitudes como Secretário-Geral e Presidente da Federação Operária foi enviar um telegrama ao MTIC, acusando Ernani de Oliveira de “estorvo [na] harmonia e tranquilidade das classes sociais”.<sup>20</sup>

Depois de muitas tentativas de negociação, os padeiros da capital entraram em greve no dia 15 de dezembro. Foi a primeira greve da capital gaúcha após 1930 (Cf. FORTES, 2004, p. 303), e a paciência e a crença no MTIC parecia se esgotar: “O proletariado do Rio Grande do Sul está se convencendo, aos poucos, de que foi, efetivamente, iludido pela legislação social vigente.”<sup>21</sup> A edição do jornal da semana seguinte é quase um marco de ruptura e de radicalização da entidade. A matéria de capa defende abertamente, pela primeira vez, a sindicalização livre ao invés da sindicalização oficial e faz duras críticas ao ministério:

o operariado rio-grandense [...] cansou de esperar pelos benefícios da legislação social, dando margem a uma desilusão, tal a ineficácia do ministério do trabalho, ou melhor, a atuação reacionária e francamente patronal dos seus funcionários, especialmente os inspetores regionais de determinados Estados, além das leis elaboradas no último período da República, dotadas de tamanha elasticidade que, efetivamente, privava o trabalhador do mínimo direito a que faz juz, obrigando-o a uma série de deveres verdadeiramente absurdos, tolhendo-lhe por completo a liberdade de pensar e a liberdade de agir.

*Contudo, o proletariado serviu-se da experiência, organizando-se em sindicatos de classe, de acordo com o tal decreto 19770 [...].*

De que nos valeu a legislação social?

Unicamente para nos arremetarmos e nos unirmos, aproveitando o que

---

<sup>18</sup> Cf. *Ibidem*, p. 2.

<sup>19</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 4, 4 de novembro de 1933, p. 2. NPH/UFRGS.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.1.

<sup>21</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 10, 16 de dezembro de 1933, p. 1. NPH/UFRGS.

preceitua o artigo 1º do decreto 19770, por isso que das demais leis ainda não sentimos seus “benefícios” feitos...

Como exemplo, é desnecessário apresentar o caso padeiral, com o qual caiu por terra a legislação social brasileira. [grifo meu]<sup>22</sup>

Em janeiro de 1934, contudo, duas atitudes de Policarpo Hibernon Machado evidenciam que a radicalização e a ruptura não foram automáticas. Na edição do dia 6, Hibernon, que já não mais exercia a presidência interina da entidade, que ficou a cargo do *padeiro* Leopoldo Machado, comemorava a aprovação do estatuto da FORGS pelo MTIC: “Hoje não mais poderão nos caçar a palavra sob a alegação graciosa de que não representamos os trabalhadores pelo fato de não sermos oficializados.” E afirmava, ainda, que “Vencerão o Direito, a Razão e a Justiça”.<sup>23</sup>

Uma semana depois, porém, os 350 padeiros grevistas foram demitidos, e no dia 20 de janeiro Policarpo Hibernon Machado viajou ao Rio de Janeiro para tentar resolver o impasse de uma vez por todas, diretamente com o Ministro Salgado Filho. Prevendo reclamações, o jornal anunciou a viagem de seu redator junto com uma lista de doações que possibilitaram que Machado viajasse de avião até o Distrito Federal de avião, onde “pleiteará, em última instância, o cumprimento integral da legislação social brasileira no Rio Grande do Sul”.<sup>24</sup> Ao explicar a viagem, o jornal ainda se mostrava descontente apenas com Ernani de Oliveira:

Os motivos que o levaram a uma viagem apressada, por determinação da classe padeiral referendada por uma assembleia geral da Federação, é a situação do proletariado em face do completo abandono que lhes é dispensado pelo inspetor regional do Ministério do Trabalho, e, em especial, os operários panificadores desta capital, que nada mais desejam, como o operariado em geral, do que o fiel cumprimento das leis sociais, lamentavelmente sonegadas por aquela autoridade caracteristicamente reacionária e francamente patronal, como está sobejamente provado.<sup>25</sup>

No Rio de Janeiro, Hibernon Machado levou numerosas reclamações, dos mais diversos órgãos e cidades. Além disso, aproveitou a estadia para entrar em contato com diferentes setores do movimento operário carioca: conheceu o Secretário-Geral da Federação do Trabalho do Distrito Federal, visitou a sede do Sindicato dos Bancários e conversou com toda a bancada

---

<sup>22</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 11, 23 de dezembro de 1933, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>23</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 13, 6 de janeiro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>24</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 15, 20 de janeiro de 1934, p.1. NPH/UFRGS. Uma curiosidade sobre essa edição: é a primeira vez que o jornal faz apologia explícita à União Soviética...

<sup>25</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 15, 20 de janeiro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

trabalhista por intermédio do Deputado Classista gaúcho João Vitaca, que também hospedou Hibernon em sua casa.<sup>26</sup>

A viagem surtiu efeito imediato, e uma semana após a partida de Hibernon, o jornal comemorava:

Chegará, amanhã, a esta capital, o sr. dr. Waldyr Niemeyer, secretário do Ministério do Trabalho, que vem outorgado de plenos poderes para fazer com que seja respeitado o que ditam as leis.

A sua vinda é fruto do trabalho do camarada Policarpo Hibernon Machado, secretário geral da entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses, o enviado especial.<sup>27</sup>

O discurso era otimista, mas no final do texto, a FORGS enfim subia o tom:

Com a vinda do dr. Waldyr Niemeyer está de parabéns o proletariado rio-grandense, que muito espera da sua atuação, pois já são conhecidos os seus gestos em prol do bem-estar do proletariado brasileiro.

[...]

Estamos, portanto, sentindo que melhores dias virão para o proletariado rio-grandense, com uma nova fase de trabalho produtivo e harmônico. Solucionada a situação dos panificadores e solucionados os centenares de casos existentes em todo o Estado, de conformidade com a legislação social vigente, esta estará de pé para todos os efeitos.

Caso contrário, repetimos, mais uma vez, ruirá por terra e o proletariado rio-grandense tomará, então, o rumo que se fizer necessário em prol das suas justas reivindicações.<sup>28</sup>

Seria ótimo se houvesse maior registro da viagem de Hibernon ao Rio de Janeiro, infelizmente podemos apenas conjecturar. É possível que as experiências cariocas tenham influenciado o militante gaúcho. Na capital brasileira, Hibernon Machado entrou em contato com dois braços do Estado (o MTIC e os representantes classistas) e com diversos setores do movimento operário organizado – e possivelmente, com quadros do PCB do Rio de Janeiro. Talvez Hibernon tenha percebido que era o momento de radicalizar, talvez tenha sido convencido.

---

<sup>26</sup> Cf. *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 17, 3 de fevereiro de 1934, p. 2. NPH/UFRGS.

<sup>27</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 16, 27 de janeiro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

O mais evidente é que Policarpo Hibernon Machado achava que a visita do MTIC seria a última chance de resolver os problemas do operariado gaúcho.

O fato é que a viagem alterou a situação, e ao passo em que a FORGS dava sinais de radicalização, aumentavam também as denúncias contra Policarpo Hibernon Machado. A edição de 17 de fevereiro de *A Voz do Trabalhador* acusava os patrões de denunciarem Hibernon e outros membros da diretoria da FORGS à polícia sob a alegação de comunistas. Além disso, o jornal afirmava que os patrões, desejosos de dividir o operariado, usavam as despesas da viagem ao Rio de Janeiro para tentar arranhar a imagem de Hibernon e da Federação.<sup>29</sup>

No dia 21 de fevereiro ocorreu “a maior assembleia que até a presente data se realizou no Rio Grande do Sul”, pois não viera ao estado apenas o secretário, mas o próprio Ministro do Trabalho:

Precisamente às 21 horas, estando completamente cheio o vasto salão da entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses, foi pelo camarada presidente designada uma comissão de 5 delegados de sindicatos presentes e acompanhados pelo camarada secretário geral para irem ao Grande Hotel, onde se hospedava o sr. Ministro do Trabalho e sua comitiva, no sentido de acompanhá-lo até a sede, o que foi feito tendo S. Ex.<sup>a</sup> entrado no recinto sob aplausos gerais.<sup>30</sup>

Durante a reunião, uma das tantas falas foi, obviamente, a de Policarpo Hibernon Machado, que lamentou a ausência de seu desafeto, Ernani de Oliveira, e atribuiu-lhe exclusivamente a culpa pela situação em que o proletariado gaúcho se encontrava. Quando chegou a vez do Ministro Salgado Filho falar, o anticlímax: o Ministro atribuía a culpa aos próprios trabalhadores, que não fiscalizavam devidamente o cumprimento da legislação!

A edição de 10 de março do jornal estampa toda a sua frustração com o Ministro:

Ao lermos as declarações feitas pelo Sr. Ministro do Trabalho nos jornais de sábado, dia 3 do corrente, deparamos com algo que não exprimia bem a verdade dos factos. Nas declarações se fazia crer que estaria solucionado o caso padeiral e que tudo marchava às mil maravilhas. Ora, o Sr. Ministro aqui esteve e, ao que nos consta, não resolveu um só *caso*, seja ele padeiral ou outro qualquer e desafiamos que nos provem em contrário.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Cf. *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 19, 17 de fevereiro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>30</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 20, 24 de fevereiro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>31</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 22, 10 de março de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

Nessa edição surge, ainda, a primeira convocatória para o grande congresso operário que se realizaria no dia primeiro de maio, a fim de eleger uma nova direção para a FORGS e definir novas diretrizes para a entidade.

Quanto mais incisivo se tornava o discurso da Federação, maior era a reação. Os discursos dos industriais e até mesmo de alguns setores do movimento operário, como por exemplo dos círculos operários,<sup>32</sup> eram corriqueiros, mas em março foi a vez da polícia entrar em cena. Hibernon Machado e Leopoldo Machado, ao tentarem regressar de uma excursão a Caxias do Sul, foram apreendidos pela polícia:

Ao regressarmos, fomos violentamente detidos, na gare da Viação Férrea, por dois investigadores da polícia que, levando-nos para uma sala contígua a de venda de passagens nos revistaram dos pés à cabeça, com tal rigor, dando-nos a impressão de sermos terríveis facínoras ou egressos da sociedade, cujo contato se deve evitar, para sossego da coletividade...

Tratava-se, é claro, de nos identificar ... como extremistas a serviço de Moscou.<sup>33</sup>

Depois da revista e de ouvirem “palavrões próprios de pessoas mal educadas”, os dois Machado foram liberados. Na assembleia da União Sindicalista de Caxias, o Secretário-Geral da FORGS havia discursado por uma hora e meia sobre sindicalização e a necessidade da união do proletariado para exigir leis de amparo aos trabalhadores. Hibernon intensificava sua militância pelo interior do Rio Grande do Sul, e a polícia mostrava, cada vez mais, que não o perderia de vista.

E nem seus detratores dentro do próprio movimento operário. Junto com membros da comitiva do MTIC que veio a Porto Alegre, um grupo espalhou que Hibernon Machado havia desviado 20 contos de réis das doações que diversos sindicatos fizeram aos padeiros enquanto estiveram em greve. O boato chegou até o Rio de Janeiro, e João Vitaca enviou carta à FORGS pedindo esclarecimento:

Rio – 16 – 3 – 934.

Prezados camaradas da Federação Operária: escrevo às pressas e em assunto de urgência na resposta.

Com a chegada do ministro do Trabalho surgiram muitas novidades, entre as quais o boato de que o Policarpo havia desviado uma subscrição de 20 contos, para com esse dinheiro montar um salão de barbeiro...

---

<sup>32</sup> Sobre a rivalidade entre FORGS e Círculos Operários Católicos, ver BARRETO, 1996.

<sup>33</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 23, 17 de março de 1934. NPH/UFRGS.

E, dizem os boateiros, *até pelo rádio*, que essa subscrição teria sido feita em benefício dos padeiros desempregados.

Julgo ser isto uma manobra feita por alguém de pouco critério, pois não acredito tais fatos hajam sucedido.

Faço hoje uma declaração pelo “Trabalho” [jornal do Rio de Janeiro], dizendo que me dirigia a Federação, a fim de esclarecer a verdade.

Espero urgente resposta.

Do Camarada

(a) João Vitaca. [Grifo meu]<sup>34</sup>

É impossível averiguar a veracidade das denúncias. Mas qual seria o interesse de uma rádio da capital da República em divulgar uma denúncia de desvio de dinheiro de um líder sindical gaúcho? Era a segunda denúncia de desvio de dinheiro (a primeira havia para a viagem de avião ao Rio de Janeiro). Desmoralizar Hibernon Machado era desmoralizar a FORGS e os rumos radicais que a entidade vinha tomando através de suas lideranças. Em sua resposta, a presidência da Federação desejou que os caluniadores viessem a público para que se pudesse acusá-los criminalmente. Além disso, Leopoldo Machado defendeu a lisura do processo de arrecadação, afirmando que a entidade prestava contas em seu jornal em todas as edições e que poderia enviar a Vitaca as listas de entradas e saídas. Por fim, alertou para a campanha de difamação contra o Secretário-Geral:

Bem sabeis o interesse que existe em afastarem o secretário-geral desta Federação dos meios proletários. Sabeis da campanha sórdida de certo *circo* [como se referiam aos Círculos Operários] e de todos os canalhas a quem ele tem vergastado com o latego de sua crítica honesta.

Descansem os seus gratuitos inimigos e os interessados no afastamento, pois que ele só abandonará a luta, ou pela violência ou por vontade expressa dos trabalhadores.<sup>35</sup>

Hibernon, ao que parece, não era religioso. *A Voz do Trabalhador* publicou muitos textos anticlericais e antirreligiosos, o que explica em parte a inimizade em relação aos COC. O momento de radicalização da FORGS é uma resposta aos sucessivos não cumprimentos de leis trabalhistas, mas parece que também houve uma tentativa de se distanciar cada vez mais da entidade religiosa.

---

<sup>34</sup> Carta de João Vitaca à Federação Operária do Rio Grande do Sul. In: *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 24, 24 de março de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>35</sup> Carta de Leopoldo Machado a João Vitaca. In: *Ibidem*.

No fim do mês de março, duas situações se apresentavam como irreversíveis: o rompimento da FORGS com o MTIC e a defesa da entidade e de seus filiados a Policarpo Hibernon Machado. No texto de abertura da edição do dia 31 de março, a descrença na lei e no Estado eram notórias:

[...] a experiência vem nos oferecendo provas, quotidianamente, da sua ineficiência e que as leis sociais não são, nada mais e nada menos, sinão para ludíbrio do proletariado brasileiro, com o fim único de atraí-lo para as hostes da política profissional, para o regime clérigo fascista.<sup>36</sup>

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, o Deputado Classista João Vitaca defendia Hibernon tanto no Parlamento quanto na imprensa. Além disso, alguns sindicatos filiados à FORGS enviavam ofícios e moções de apoio ao Secretário-Geral da entidade.

No dia primeiro de maio, enfim começava o tão alardeado congresso operário. Apesar de representar um novo momento para a FORGS, acompanhar alguns passos de Policarpo Hibernon Machado nos mostra que a trajetória de radicalização da entidade não foi linear e que esse congresso não marca uma ruptura absoluta com a atuação da entidade até então, que era algo que vinha se gestando de muito tempo.

#### **4. Radicalização, Liga Eleitoral Proletária e repressão**

Do dia 30 de abril ao dia 3 de maio ocorreu, enfim, o congresso operário convocado pela FORGS, que teve 45 entidades representadas.<sup>37</sup> Depois de votada a lei orgânica foi eleita a mesa dirigente. Policarpo Hibernon Machado foi eleito presidente da mesa com 32 votos (o segundo mais votado teve apenas 2). Apesar do discurso inaugural de Hibernon exaltar a URSS, não podemos considerar esse congresso como atrelado aos comunistas, pois também se fizeram presentes sindicatos e militantes anarquistas e trabalhistas ainda defendendo a colaboração com o MTIC – os Círculos Operários, porém, ao contrário do congresso de fevereiro de 1933, não participaram. O Art. 2º da Lei Orgânica do Congresso dá uma pista de certa heterogeneidade do evento: o artigo proibia organizações filiadas à FORGS de “tomar parte em qualquer manifestação de caráter político-burguês.”, enquanto que a Federação dos Núcleos Antipolíticos defendia a proibição em “qualquer manifestação de caráter político”.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 25, 31 de março de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>37</sup> Para uma análise minuciosa do congresso, ver BARRETO, Op. cit., especialmente cap. 4: FORGS: rompimento com o Estado, contestações e desarticulação (1934 – 1935).

<sup>38</sup> *Annaes do Congresso Operário de 1934*, p. 76. NPH/UFRGS.

Puxado pelos padeiros, o rompimento oficial da Federação com o MTIC foi aprovado, e os filiados à entidade foram proibidos de dirigirem-se ao órgão:

Nenhuma organização Operaria poderá até o próximo congresso se dirigir à inspetoria do trabalho e nem mesmo ao ministério do trabalho, para reclamar direitos dos seus associados. Motivos – as leis sociais vigentes não satisfazem aos trabalhadores e as autoridades encarregadas de executá-las não merecem a confiança do proletariado por serem as mesmas visceralmente patronais. Tese do Sindicato dos Operários em Panificação e Classes Anexas de Porto Alegre, aprovada por *unanimidade*. [grifo meu]<sup>39</sup>

O congresso também elegeu uma nova diretoria, que passou a ter Policarpo Hibernon Machado como presidente.

A partir daí o jornal tomou um rumo sem volta até o seu final: o da propaganda comunista e das denúncias aos desmandos do MTIC – sobretudo a prisão de militantes. O periódico passou a vincular cada vez mais matérias e notícias referentes a outras cidades do Brasil. As viagens de Hibernon e de seus colegas da diretoria da FORGS aumentavam: eram caravanas de propaganda pelo interior do estado não só incentivando a sindicalização, como a sindicalização livre – ou seja, sem o reconhecimento do MTIC. A campanha contra o referido órgão era enorme e embasada por greves, demissões e prisões de trabalhadores em Santos e no Rio de Janeiro, por exemplo. No final do mês de junho, Hibernon assumia, ainda, o secretariado do Sindicato dos Oficiais Barbeiros e Cabeleireiros (a presidência ficava a cargo de seu amigo, Germiniano Candiota Xavier).<sup>40</sup>

Na edição de 14 de julho, *A Voz do Trabalhador* trazia a seguinte machete: “sindicatos filiados ao MTIC escolheram uma delegação para participar da Conferência do Bureau Internacional do Trabalho, em Genebra”. Enquanto isso, as demais organizações sindicais cogitavam enviar uma delegação à União Soviética. “Por isso mesmo vemos partirem duas delegações; uma que vai à procura de prolongar o regime capitalista; outra que vai aprender como se constrói o socialismo.”<sup>41</sup> Em um artigo simples e direto, a entidade evidenciava, pelo menos, duas situações: 1) a propaganda pró-URSS e a defesa do socialismo estavam escancaradamente na ordem do dia; e 2) isso não era, porém, unânime, e ainda existiam sindicatos vinculados e colaborando com o MTIC.

Mas isso não passou impune. A edição de 21 de julho do periódico chefiado por Hibernon Machado fala brevemente de prisões de membros da FORGS – dentre eles o seu presidente –, das

---

<sup>39</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 30, 12 de maio de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>40</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 37, 30 de junho de 1934, p. 2. NPH/UFRGS.

<sup>41</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 39, 14 de julho de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.



quais dispomos de poucas informações: sabe-se que além de terem ocorrido em Porto Alegre duraram cerca de uma hora. Além disso, a edição noticiava a fundação da Liga Eleitoral Proletária<sup>42</sup> (LEP), legenda criada no seio da Federação Operária para, diante da ilegalidade do PCB, concorrer às eleições de 1934.<sup>43</sup> Na sua assembleia de fundação no dia 16 de julho, que segundo o jornal contou com mais de 400 operários, Policarpo Hibernon Machado foi eleito Secretário-Geral da entidade recém-fundada.<sup>44</sup>

Com isso as viagens para o interior ficaram ainda mais frequentes, dessa vez para angariar votos – e candidatos – para a LEP e para criar comitês locais. A primeira caravana foi para os outros dois grandes polos operários (em que pese o ascenso de Novo Hamburgo): Pelotas e Rio Grande. Logo na primeira viagem de Hibernon e seus colegas, são expostas as rivalidades dentro do movimento operário gaúcho:

O primeiro cuidado da caravana [em Pelotas] foi entrar em contato com a massa trabalhista daquela cidade, o que não foi fácil em virtude da obra nefasta de sabotagem, praticada por algumas direções de sindicatos de sindicatos e especialmente pelos dirigentes da <Frente Sindicalista Pelotense>. Entretanto os membros da caravana conseguiram vencer as dificuldades e entraves [...].<sup>45</sup>

Pelotas, por sinal, estava fervilhando. No mês de agosto irrompeu uma greve dos estivadores que acabou com a prisão de 30 operários e com o sindicato fechado pela polícia. Hibernon escreveu telegrama ao Interventor Federal protestando “veementemente contra a reação fascista desencadeada neste Estado”.<sup>46</sup> Enquanto isso, o barbeiro recebia cartas do interior que lhe comunicavam as fundações de comitês da LEP em Passo Fundo, Dom Pedrito e Cruz Alta.

No fim de agosto, veio a segunda prisão: na caravana da LEP para a cidade de Cachoeira, a diretoria da Liga e o presidente do sindicato de padeiros de Cachoeira foram presos pela polícia local.<sup>47</sup> Os demais trabalhadores ficaram de guarda em frente a delegacia e conseguiram a soltura

---

<sup>42</sup> O PCB pretendia concorrer sob seu nome original ao pleito, mas foi impedido pela justiça. No Rio de Janeiro e em boa parte do país, o Partido concorreu sob o nome de União Operária e Camponesa.

<sup>43</sup> Cf. *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 40, 21 de julho de 1934, p. 2. NPH/UFRGS. Durante a assembleia se discutiu as prisões, que só podem ter ocorrido, portanto, entre os dias 13 e 15 de julho devido às datas de fechamento do jornal.

<sup>44</sup> A essa altura, Policarpo Hibernon Machado era Presidente da FORGS, 1º Secretário do Sindicato dos Oficiais Barbeiros e Cabeleireiros, Redator Responsável de *A Voz do Trabalhador* e Secretário-Geral da LEP – além de barbeiro! Atingi-lo era, em grande medida, atingir todas essas organizações (e estudá-lo, idem).

<sup>45</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 42, 4 de agosto de 1934, p. 1. NPH/UFRGS. A Frente Sindicalista Pelotense também tinha suas pretensões eleitorais e era capitaneada por um velho conhecido de Hibernon: o ex-deputado classista João Vitaca, que pretendia concorrer a Deputado Federal. A essa altura, a FORGS já havia rompido com todos os deputados classistas. Para um maior aprofundamento no imbróglio, ver LONER, B. A. As frentes sindicais do interior e a FORGS na década de 1930. *Métis* (UCS), Caxias do Sul, v. 4, n.7, p. 145-168, 2005.

<sup>46</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 43, 11 de agosto de 1934, p. 3. NPH/UFRGS.

<sup>47</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 47, 8 de agosto de 1934, p. 4. NPH/UFRGS.

de seus companheiros. No mês seguinte, foi a vez de conhecer as instalações carcerárias de Santa Maria, também em atividade da LEP:

Muito embora figure nas páginas amarelas da espalhafatosa carta constitucional, preceitos de liberdade de pensamento e de propaganda de ideias, a Liga Eleitoral Proletária, reconhecida e registrada pelo Tribunal Eleitoral, viu-se na contingência forçada de suspender a sua propaganda na cidade de Santa Maria, em virtude da prisão arbitrária e covarde dos camaradas que compunham a caravana que, depois de realizar comícios nas cidades de Cachoeira, Sant'anna do Livramento, D. Pedrito, Passo Fundo e Cruz Alta, foi, pelo conhecido e famigerado delegado policial ADALARDO SOARES DE FREITAS, detida no calabouço da delegacia respectiva e escoltada para esta capital por meia dúzia de soldados da milícia estadual – como si os seus componentes fossem perigosos ladrões ou bárbaros assassinos.<sup>48</sup>

Isso não intimidou a entidade e nem os dirigentes presos. No final do mês, quando foram definidos os candidatos da LEP, todos os presos – inclusive Hibernon – se apresentavam como candidatos a Deputado Estadual.<sup>49</sup>

Apesar de todo o esforço, a LEP não conseguiu eleger nenhum de seus candidatos no pleito de 14 de outubro de 1934.<sup>50</sup> Nem por isso o desempenho eleitoral foi interpretado como derrota por Hibernon e seus colegas:

O proletariado do Rio Grande, acaba de dar uma viva demonstração de solidariedade de classe, apoiando os candidatos operários da Liga Eleitoral Proletária, derrotando estrondosamente o traidor Vitaca e os funestos 'camisa alfa'!<sup>51</sup>

A experiência não poderia ser desprezada. Um militante do PCB como Policarpo sabia das dificuldades de sequer conseguir concorrer em um pleito eleitoral com um discurso radical e de defesa explícita da classe operária. Apesar das prisões, das intrigas e da votação pouco expressiva, o operariado concorreu em uma legenda exclusivamente sua e conseguiu chegar até o final da disputa, e isso não podia ser desprezado.

---

<sup>48</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 48, 15 de setembro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS. Entre uma edição e a outra do jornal se foi mais de um mês, o que indica que a “turnê” da caravana foi ininterrupta.

<sup>49</sup> Cf. *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano I, n. 50, 29 de setembro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS.

<sup>50</sup> Cf. *A Federação*. Porto Alegre, 19 de novembro de 1934, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acessado em: 19 fev. 2015. Policarpo Hibernon Machado foi o candidato mais votado.

<sup>51</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano II, n. 55, 10 de novembro de 1934, p. 4. NPH/UFRGS.

Passado o pleito, era hora de definir as próximas ações. Em congresso realizado no dia 13 de novembro, a grande discussão foi a participação da FORGS no Congresso Sindical Nacional – um dos três delegados eleitos pelo Rio Grande do Sul foi Policarpo Hibernon Machado. O barbeiro, por sua vez, escrevia cada vez mais telegramas reclamando da violenta – e crescente – repressão policial. No fim de novembro, escrevia para o Deputado Álvaro Ventura e para o Ministro da Justiça no Rio de Janeiro para protestar contra as prisões de Milan Knafelz, Alberto Fernandes e Adolfo Gosper, “presos por motivo de luta de classes.”<sup>52</sup> Duas semanas depois, no dia 22 de novembro, era novamente a sua vez: Policarpo Hibernon Machado era preso pela quarta vez em menos de cinco meses. Dessa vez, a soltura não foi tão simples quanto das outras vezes, e Hibernon foi “mantido preso incomunicável durante cinco dias”.<sup>53</sup> A forma como foi preso foi bastante simbólica: não foi em assembleia da FORGS ou em algum encontro sindical, mas sim no próprio local de trabalho, uma barbearia na Rua Marechal Floriano, no Centro de Porto Alegre. Além disso, a polícia apreendeu mais de 1.800 exemplares de *A Voz do Trabalhador*. Os demais membros da FORGS se mobilizaram e confeccionaram boletins de convite para uma assembleia em frente a delegacia, mas a polícia também confiscou tais boletins. Hibernon foi posto em liberdade depois de um pedido de *habeas corpus* do advogado Alberto Pasqualini.<sup>54</sup>

Era o prenúncio do que viria na virada de 1934 para 1935. O Brasil inteiro estava em polvorosa: eram greves de diversos setores no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco, além do interior do Rio Grande do Sul, o que constituía um ciclo vicioso: quanto mais a polícia reprimia, mas os trabalhadores faziam greve; quanto mais os trabalhadores faziam greve, mais a polícia reprimia.<sup>55</sup> Em janeiro de 1935, Porto Alegre também entrava na rota das greves: no dia 12 de janeiro o Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos paralisava suas atividades. No dia 16 os metalúrgicos se declaram em greve em solidariedade aos têxteis (ambos eram alinhados com o PCB), e no dia 17 a polícia fechava o sindicato têxtil e a FORGS, prendendo treze pessoas que se encontravam na sede da Federação, dentre elas o seu presidente. Hibernon foi posto em liberdade dois dias depois após prometer que “não mais se envolveria em movimentos extremistas”.<sup>56</sup> É pouquíssimo provável que ele tenha prometido se afastar das “atividades extremistas” apenas pelo poder de convencimento das autoridades. Marçal afirma que ele foi torturado nas mãos para não mais escrever e exercer sua profissão (MARÇAL; MARTINS; 2008, p. 75).

<sup>52</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano II, n. 56, 17 de novembro de 1934, p. 2. NPH/UFRGS.

<sup>53</sup> *A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, ano II, n. 58, 1 de dezembro de 1934, p. 1. NPH/UFRGS. Um detalhe importante é que encontravam-se presos em Porto Alegre desde setembro os quadros do PCB Deicola dos Santos e Heitor Ferreira Lima. Os comunistas estavam viajando e se organizando por todo o Brasil, e a polícia estava no seu rastro.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> Não cabe aqui analisar em maiores detalhes esse momento. Ver, por exemplo, FORTES, 2004; KONRAD, 2012.

<sup>56</sup> *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 22 de janeiro de 1935, contracapa. Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Depois disso as notícias e as referências a Policarpo Hibernon Machado se tornam cada vez mais raras. Em novembro de 1937 foi preso e levado para uma ilha com outros 24 comunistas.<sup>57</sup> O refluxo e a decadência de Hibernon são também o refluxo e a decadência do PCB no Rio Grande do Sul no pós-1935, e ambos deixaram poucas evidências no período.

Hibernon seguiu no PCB, mas, ao que tudo indica, sem exercer funções muito proeminentes. Visado pelas autoridades e cansado das prisões e das torturas, entre 1939 e 1940 ele e sua esposa (Aida Saraiva Machado) tiveram uma filha, Olga,<sup>58</sup> e isso também pode ajudar a compreender o gradual afastamento de Hibernon das principais atividades do Partido.

Em 1945, durante a legalidade do PCB, voltou às páginas dos jornais como pertencendo à comitiva que hospedaria Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre (MARTINS, 2012, p. 192). Durante os preparativos para a visita do *Cavaleiro da Esperança*, Hibernon foi visto fazendo propaganda e discursando em comícios feitos às portas das fábricas dos bairros operários.<sup>59</sup>

Provavelmente a sua última ação pelo Partido ocorreu em sua casa, na Avenida Independência, em Porto Alegre, onde organizou um jantar para arrecadar fundos para a União Estadual de Trabalhadores. O jantar contou com a presença de 47 pessoas (quase todas elas filiadas ao PCB). Como forma de arrecadar fundos, foi organizado um leilão. O primeiro item da noite foi arrebatado por Hibernon pela quantia de seiscentos e oitenta cruzeiros: era o livro “No mundo da paz”, do também comunista Jorge Amado. Um dos presentes ainda brincou que a arrecadação foi muito baixa, pois no jantar só compareceram comunistas.<sup>60</sup> Vinte dias depois, naquele mesmo local, Policarpo Hibernon Machado morreu de insuficiência respiratória decorrente de uma pneumonia, aos 55 anos.<sup>61</sup>

## Considerações finais

Policarpo Hibernon Machado não é um personagem representativo. Barbeiro, jornalista, comunista, grande orador, perseguido pela polícia... Hibernon foi perpassado por um sem fim de relações e de experiências provenientes de todas essas situações. O que se tentou fazer aqui foi justamente usá-las para não “embotar a especificidade dos destinos pessoais” e não “arruinar a variedade da experiência passada”, temores de Loriga (2011, p. 223). Em outras palavras, a vida

---

<sup>57</sup> Cf. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1937, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional. Acessado em: 21 fev. 2015.

<sup>58</sup> Cf. BRASIL. *Certidão de Óbito: Policarpo Hibernon Machado*. Registro Civil das Pessoas Naturais da 4ª Zona de Porto Alegre.

<sup>59</sup> Relatório sobre a chegada e estadia de Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre. NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul. Pasta 19. Caixa [B] 611, disco 4. Porto Alegre, 18 de outubro de 1945.

<sup>60</sup> Serviço de Informações, Boletim nº1. NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [E] 611, disco 7, fls 7 – 8. Porto Alegre, 11 de janeiro de 1952.

<sup>61</sup> BRASIL. *Certidão de Óbito...*

de Hibernon não é representativa e nem precisa ser: ela nos apresenta a constante tensão entre sujeito e estrutura e as muitas dimensões de uma militância comunista, evidenciando não apenas o que é geral e que é particular, mas sim as suas conexões através de um ator social.

Dessa forma, processos já conhecidos e estudados podem ganhar outras perspectivas. Parafraseando Loriga, as dimensões sociais de uma vida podem produzir *estranhamento* em um processo que outrora parecia coerente e linear (LORIGA, 2011, p. 227). Assim, as diferentes formas de atuação encontradas por Hibernon Machado ao longo de sua vida – palestras, fundação de sindicatos, textos em jornais, disputa eleitoral – nos mostram que havia muitos caminhos possíveis, mas que eles estavam ligados a um contexto. Não um contexto “compacto e coerente”, mas um contexto que “corresponde bem mais a um tecido conjuntivo atravessado de campos elétricos de intensidade variável” (LORIGA, 2011, p. 222). A vida desse militante nos ajuda a medir um pouco melhor as variações dessa intensidade.

#### FONTES

Annaes do Congresso Operário de 1934 (NPH/UFRGS)

Certidão de Óbito de Policarpo Hibernon Machado

Decreto 19.770, de 19 de março de 1931. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D19770.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm)> Acesso em: 21 fev 2015.

Fundo DOPS (NPH/UFRGS)

Jornal *A Federação* (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *A Noite* (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *A Voz do Trabalhador* (NPH/UFRGS)

Jornal Diário da Noite (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *Diário de Notícias* (Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa)

#### BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil v. 1: A formação das tradições (1889 – 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. *O movimento operário rio-grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-1935)*. Dissertação (Mestrado em História),

UFRGS: Porte Alegre, 1996.

BARROS, Orlando de. Os intelectuais de esquerda e o ministério Lindolfo Collor. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil v. 1: A formação das tradições (1889 – 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888 – 1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social* (UNICAMP), v. 14/15, p. 157-173, 2008.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade da mulher na política*. Dissertação (Mestrando em História), Unicamp: Campinas, 1995.

DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1991.

FORTES, Alexandre, *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense na Era Vargas*. Caxias do Sul, Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KAREPOVS, Dainis. *A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924 – 1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.

KONRAD, D. A. Greve Geral, Luta de Classes e Repressão no Rio Grande do Sul de 1935. *Revista Latino-Americana de História*, v. 1, p. 311-324, 2012.

LEVI Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. Un problema de escala. *Relaciones. Estudios de historia y sociedad*, vol. XXIV, núm. 95, p. 279 – 288, El Colegio de Michoacán, México, 2003.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

\_\_\_\_\_. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Porto Alegre: Palmarinca, 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*. São Paulo, Expressão Popular: 2009.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906 – 1936)*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFF, 2009.

PETERSEN, S. R. F.; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS: Tchê, 1992.

REVEL, Jaques. REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*. V. 15, n. 45 set/dez. 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 9-32, 2006.